

Semba, kizomba, kuduro. Os ritmos angolanos estão em voga e – segundo os observadores da cena musical internacional – têm potencial para se tornarem um importante produto cultural de exportação, a exemplo do que – aliás - acontece há muitos anos com a música caboverdeana. São cada vez mais os jovens angolanos que se dedicam à produção de música. E são cada vez mais os que a consomem. Em Angola e fora de Angola. Vamos – então – analisar e saborear a música que se produz atualmente em Angola. Um programa de autoria de António Cascais.

Musik – Claudete Tchizungo

O-TON Claudete Tchizungo

„Não é fácil para um artista lançar uma obra porque requer custos muito altos. O que me motivou a persistir é eu gostar de cantar e gostar de aparecer. E então eu fui persistindo, lutando até pôr cá fora a primeira obra. E depois lancei um segundo disco com ainda mais qualidade.“

Claudete Tchizungo, de 30 anos de idade, é uma das cada vez mais numerosas intérpretes do semba em Angola. O seu último disco é intitulado „o nosso semba“, ritmo que a cantora natural de Luanda, mas com raízes na região do Moxico, predominantemente tchokwe, trás na alma e interpreta com grande talento, revelado desde os anos de infância em que venceu vários concursos de música. O seu objetivo – como o de muitas outras – é levar a sua música a todas as províncias, o que – de facto – tem acontecido.

O-TON Claudete Tchizungo

„A minha perpetiva é continuar fazer digressões pelas provincias, para poder expandir para todo o país.“

1- Musik Semba „Kiadimino“

Raúl Tollingas é um dos veteranos da música semba. Começou a tocar e a cantar nos anos 60. Hoje é kota, um dos mais velhos do género, e tem muitas histórias a contar. Atualmente integrante das bandas

Nissangala, Uamimaka e kituche, o Kota Tollingas diz que se orgulha da forma como a nova geração valoriza o semba.

O-TON Raúl Tollingas

„É salutar. Implica dizer que a nossa música tem um grande valor. A nossa musica é eterna. E os jovens fazem-nos sentir, ao cantar a nossa música, que a nossa música é gostosa.“

O semba é o ritmo mais emblemático de Angola. Há quem diga que este produto cultural genuinamente angolano terá sido transportado – a partir do século 16 - por escravos para ao Brasil e para as Caraíbas.

Luandino Carvalho, apresentador angolano de TV, artista, Diretor Nacional de publicidade do Ministério de Comunicação Social, e fervoroso adepto do Semba e do Kizomba confirma que os ritmos angolanos - no passado - influenciaram a música do mundo. E Luandino Carvalho dá um exemplo concreto.

2- O-TON Luandino Carvalho

„Há um ritmo antilhano que é o zouk. O zouk é fortíssimo na Europa, sobretudo em Franca. E este ritmo não sai das Antilhas diretamente para Angola. O zouk, portanto o Kizomba, sai de Angola, levado pelos escravos angolanos para as Antilhas, é trabalhado lá , depois é levado para Franca e depois é apanhado em Paris e retornado para as nossas origens. Acaba por ser um triângulo muito interessante, em que a Europa tem sempre um papel importante nisso, não só no passado, como no presente...“

O semba e o Kizomba não são os únicos contributos angolanos para a cena musical internacional. Angola sempre conseguiu exercer influências artísticas fortes além-fronteiras, mas também foi - ao longo da história - muito influenciada pela Europa, mais concretamente pela colonização portuguesa.

Refira-se, a título de exemplo, que o instrumento base da capoeira, disciplina de artes marciais brasileira, o berimbau, é originário de Angola, onde é denominado „ungo“.

Mas a história da influência musical angolana não se limita aos séculos passados. Atualmente são ritmos e dancas que os jovens praticam nos musseques de Luanda que mais dão que falar no mundo. Batidas, kuduro, e dentro do Kuduru surgiram estilos de dança como o do kambuá e o milindro...

MUSIK „do milindro“

Raul Tollingas, o kota do semba, questionado sobre a alegada maior divulgação do kuduro em detrimento do semba, mostra-se despreocupado:

O-TON Raúl Tollingas

„Eu não me sinto diminuído nem tão pouco mal disposto. Os jovens, para mim, inventaram alguma coisa que despertasse. E despertou. E até passou fronteiras. Em Portugal todo o mundo gosta. O Brasil então até tem concurso. A única coisa que eu não gostava no kuduro é a mensagem.“

Lueji Dharma, uma das promotoras do movimento „LevArte“, uma associação cultural angolana, constituída maioritariamente por jovens, destaca também estes novos ritmos como expressões atualmente mais fortes da cultura angolana. Segundo Lueji Dharma a música angolana, e sobretudo o kuduro, registam atualmente um boom, uma expansão...

O-TON Lueji Dharma

„O milindro e o kuduro são uma forma de exteriorizar e de representar a cultura do musseque angolano, são bairros periféricos que – como não têm escritos relatos históricos – recorrem à oralidade como forma de transmitir a arte e a cultura... Então aquele kuduro e aquele milindro retratam as realidades dos musseques e das pessoas, ficam gravadas para a história, e – por outro lado – dá-se-lhe uma batida e esses relatos são espalhados nos candongueiros, nos nossos taxis e conseguem construir um mundo musical à parte. As músicas tronam-se conhecidas nos candongueiros até passarem à rádio e passam até para o mundo internacional. Portanto trata-se de uma cultura especial pela qual eu tenho muito carinho porque retrata grande parte da população angolana, que é a que vive nos musseques...“

MUSIK „do milindro“

Jomu Fortunato, ex-diretor nacional do livro e do disco e atual assessor da Ministra angolana da Cultura para a área artística, também tenta enquadrar social e historicamente o fenómeno do kuduro...

O-TON Jomu Fortunato

„O kuduro era impensável nos anos 50. O kuduro é produto da desestruturização... eles fazem música com aquilo que têm... divulgam o que ouvem na rua... o kuduro é arte da sua circunstância. Fazem arte com as ferramentas que têm... (...) A guerra teve o efeito de não propiciar a herança cultural... mas fomentou outras áreas...

O kuduro pela sua estrutura era impensável... o kuduro privilegia o ritmo... a oralidade do pitoresco, do imediato que acontece na rua... aquilo é do imediato... do assunto que ocorre. Isso também veio com a guerra...”

De facto o kuduro é – hoje em dia - dentro e fora dos musseques – sobretudo para as camadas mais jovens - o ritmo mais forte e apelativo. Tornou-se mesmo conhecido nas discotecas das metrópoles de todo o mundo, com destaque para a Europa e América Latina e mesmo objeto de pesquisa em escolas superiores internacionais. As respetivas danças acrobáticas, das danças do milindro e do kuduro, são executadas ao som dos rápidos e agressivos beats eletrónicos. Mas quais as origens deste ritmo urbano de Luanda? Segundo os entendidos, com o evoluir das tecnologias e o surgimento da música eletrónica na América, com a música pop e a house, assim como a dança break dance, deu-se o surgimento no fim dos anos 80 e início dos anos 90 de um movimento, inicialmente denominado pelos angolanos de „batida“. Ritmo este que viria motivar os jovens coreógrafos e músicos angolanos a darem azo à sua criatividade, experimentando várias danças ao ritmo dessas mesmas „batidas“.

O termo „kuduro“, propriamente dito, surgiu em 1992. Foi um dos jovens coreógrafos e músicos da época que o inventou. O seu nome: Tony Amado. Hoje muitos referem-se a ele como o rei „kota“ o rei mais velho do kuduro, o homem que há duas décadas inventou a dança que – partindo de Luanda – viria a conquistar o mundo... Tony Amado recorda como tudo começou...

O-TON Tony Amado

„Eu primeiro não chamava kuduro esse estilo. Eu antes de fazer o kuduro em 1992 cantava assim: ‚dance-ke-dance-ke-dance-vandamme...‘ Eu na altura vivia no bairro da Samba e o pessoal do musseque começou a pegar nessas dicas. E eu fiquei a vêr e disse: ‚alto lá! Isso é cú duro!‘ porque nessa altura nós contraíamos as ancas e balncávamos: ‚dance-ke-dance-ke-dance...‘ e passei a cantar: ‚amba kuduro, mama...‘ porque ‚amba‘ em kimbundo significa ‚dança‘, dança kuduro...”

Foi assim que termo kuduru foi inventado no início da década de 90. O publico – esse – primeiro estranhou e depois entranhou. O termo kuduro pegou, um pouco por todo o mundo. A internacionalização do estilo aconteceu sobretudo com a ajuda das comunidades lusófonas na diáspora, sobretudo em Lisboa. Foi na capital portuguesa que o grupo luso-mocambicano-angolano „Buraka Som Sistema“ criou um novo sound de música eletrónica, a que deram o nome de „kuduro progressivo“ e que faz as delícias dos jovens nas discotecas das metrópoles europeias e – entretanto – também em Luanda.

Musik „Buraka Som Sistema“

O kuduro – foi inicialmente muito mal recebido pelo sistema cultural instalado. O poder político classificava as músicas, as letras e sobretudo as danças de obscenas. Ora isso parece ter mudado.

Fernando Alvim, chefe da trienal de Arte de Luanda e curador da fundação „Sindika Dokolo“, criada por um dos genros do Presidente do Presidente José Eduardo dos Santos, afirma que o kuduro já está em todo o lado e é, inclusivé, partilhado pelas camadas ligadas ao poder...

O-TON Fernando Alvim

„São expressões numa sociedade dos jovens, como na Europa andam de skates – aqui dançam milindro, inventam o kuduro. Eu sei que muitas vezes as pessoas querem dar uma particularidade: ainda há dias estava a vêr uma reportagem da televisão portuguesa, que dizia que o kuduro é um aporte da sociedade civil à cultura angolana. Sei que há muitos conservadores que não gostam do kuduro e o querem até proibir. Mas não é o mundo político. O mundo político promove-o o kuduro todos os dias na tv. No fundo o kuduro é uma expressão contaminante, com mensagens, mas a questão do kuduro é mesmo um fenómeno natural num pós de guerra, num momento em que os jovens já não têm que ser chamados para a guerra; então os jovens ficam nos bairros, são craitivos, fazem desporto... as tecnologias ficaram mais acessíveis e então o kuduro nasce a partir de aí.“

O kuduro e as respetivas danças – para Fernando Alvim coisas muito naturais, que emergem das profundidades do ser africano e angolano.

O-TON Fernando Alvim

„Há uma maneira de mexer o corpo que é uma sucessão muito criativa... o coração do bebê encostado à mãe, vamos obter uma ritmica natural ao ser humano... se misturarmos as duas velocidades vamos obter um ritmo quem e parece absolutamente natural ao ser humano... o kuduro e o milindro é muito criativa porque emerge de algo, sempre... e depois há ali uma coisa de ginástica, de acrobacia...“

O certo é que o kuduro continua a ser subversivo, imprevisível, em constante mutação. É feito nos diferentes bairros periféricos - Rangel, Cazenga, Viana, Sambizanga, Samba ou Kilamba Kiayi – é feito por homens e mulheres – músicos e dançarinos. Os que acompanham a cena falam duma nova tendência: dizem que muitos dos kuduristas transitam para o semba e kizomba e muitos intérpretes de Kizomba e Semba fazem frequentemente pequenas excursões ao kuduro, o reinado sem rei nem coroa.

Musik